

Se é futebol, é masculino?¹⁰³

CLÁUDIA SAMUEL KESSLER

RESUMO

Comumente, em referência a atletas de futebol, evoca-se uma masculinidade tradicional (BONINO, 2008), definida como modelo social hegemônico. No presente artigo, refletir-se-á sobre a chamada "área reservada masculina" (MAGUIRE & DUNNING, 1997), considerada como relevante à manutenção das estruturas patriarcais. A partir de coberturas jornalísticas veiculadas na mídia brasileira e dados etnográficos de pesquisa com jogadoras do Rio Grande do Sul, procurar-se-á entender como as características consideradas masculinas aparecem e de que forma influenciam nas práticas por elas realizadas.

Palavras-chave: Masculinidade. Feminilidade. Futebol.

O esporte, apresenta-se como um espaço social bastante generificado. Enquanto alguns esportes ainda possuem marcações de gênero acentuadas, outros - como o turfe, por exemplo - apresentam um borramento em relação ao gênero (ROJO, 2007). Na grande maioria das práticas esportivas, mulheres e homens competem separadamente. As ênfases em relação às suas performances também são diferenciadas. Para eles: atributos ditos viris; para elas, atratividade sexual e beleza. Equipes mistas são formadas eventualmente, para exposições amadoras ou torneios de confraternização. Porém, em termos competitivos frequentemente os gêneros são separados.

Masculino ou feminino. Alto ou baixo. Forte ou fraco. Sobressaindo-se ao jogo de dicotomias, o esporte revela uma arena de demonstração de habilidades e performances. Na atualidade, a competitividade é a principal marca do esporte de alto rendimento. Com constantes reformulações e com a criação de novos produtos esportivos ou de ídolos atléticos, novos recordes são impostos e as vitórias revigoram o esporte-espetáculo.

Longe dessas definições espetaculares, o futebol de mulheres¹⁰⁴ é ainda uma modalidade que vislumbra, ao longe, alcançar um *ethos profissional*¹⁰⁵. As apresentações

¹⁰³ Este artigo é resultado de apresentação realizada no IV Seminário Nacional Sociologia e Política: Pluralidade e garantia dos direitos humanos no século XXI, realizado de 25 a 27 de setembro de 2012, em Curitiba (PR), Brasil.

¹⁰⁴ Em minhas recentes produções acadêmicas, tenho utilizado a expressão "futebol de mulheres" com o intuito de trazer à tona a reflexão sobre a feminilidade que se deseja que as mulheres apresentem dentro

futebolísticas dessas jogadoras ainda são vistas como insuficientes para a obtenção de êxito em investimentos, e eis um dos porquês da constante busca por modelos de sucesso, que resultem em imagens atléticas financeiramente rentáveis. Não se pode negar que o esporte-espetáculo ou profissional visa a lucros mercadológicos, e para isso, precisa de boas mercadorias. “Sim, decididamente, fazer de alguém um homem requer, de igual modo, investimentos continuados. Nada há de puramente “natural” e “dado” em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, p. 18).

Mesmo sem apresentar as características que tradicionalmente sejam consideradas como vencedoras, há atletas que demonstram superar os esteriótipos (sociais e de gênero) construídos no decorrer dos processos históricos esportivos ocidentais, demonstrando que diversos fatores podem lhes fornecer o privilégio de ocupar o primeiro lugar dentre os demais. A ênfase na vitória não pressupõe gêneros específicos. Ser “feminina” ou ser “masculina” parece ser muito mais uma definição de relevante apelo sexual do que potencializadora de performances esportivas.

Constantemente, baseados em um discurso de equiparação da competitividade, homens e mulheres são distinguidos no discurso midiático e social pelas análises biológicas. Com desigual ênfase aos caracteres que enaltecem uma masculinidade única, privilegiam-se características tais como força e velocidade (ao invés de resistência e elasticidade). No futebol, por exemplo, as performances “masculinas” são tomadas como

do campo esportivo. A utilização da expressão “feminino” carrega referências ligadas à sexualidade e à feminilidade normativamente impostas. Quando se fala em “futebol feminino” a expressão “feminino” me parece de uma certa forma invisibilizar as constantes imposições da performance “masculina” como norma na preparação e concepção do futebol praticado pelas mulheres. A diversidade de expressões, as diversas feminilidades existentes parecem ser reduzidas, uniformizadas e invisibilizadas. “Futebol feminino” parece ser uma expressão de possível emprego quando ao feminino forem associadas as características vencedoras das performances masculinas.

A utilização da expressão “de mulheres” também proporciona uma reflexão à corriqueira utilização da expressão “meninas”, frequentemente utilizada como referência às mulheres no esporte, fragilizando-as como ídolos esportivos, referenciando-as como crianças, meninas, moças. Os ideais de beleza, ligados à juventude, em contraposição à experiência ou velhice, também trazem a ideia de alguém que necessita de orientação, pois ainda carece de experiência. Em parte, talvez se possa associar esta ideia ao ingresso tardio das mulheres no futebol.

¹⁰⁵ Costa (2007, p. 39-40), tendo como referência os estudos de Dunning (1985), define *ethos professional* da seguinte maneira: “Esse esporte é marcado pela maciça presença de competitividade, pela orientação cada vez maior para resultados, pela presença de regras bem definidas, pela organização centralizada capaz de gerir um crescente número de funções que se acumulam na prática do esporte, pela presença de valores pecuniários em todos os níveis de relacionamento e pela atenção especial ao espectador”.

referenciais. Até mesmo as mulheres valorizam os capitais corporais das performances masculinas, reconhecendo-as como modelo ideal. Jogar como um Neymar ou ser um “Pelé de saias”: o que explicaria essas comparações?

Percebe-se claramente que no imaginário brasileiro o futebol foi e tem sido construído como um esporte de reforço do que hegemonicamente é entendido como “a” masculinidade. O masculino representa as características de virilidade e de reafirmação inclusive da heterossexualidade. Masculinidade e feminilidade são constantemente apresentadas na mídia esportiva como modelos únicos, sem variações ou gradações. Ou você é, ou não é.

O mais forte, o mais alto, o mais esperto, o mais bem pago. Na atualidade, nem sempre “o mais” é sinônimo de sucesso esportivo. O equilíbrio, a moderação entre as diversas habilidades (as reconhecidamente masculinas ou as femininas) pode ser uma relevante conjunção, capaz de fornecer o tão procurado status de vencedor ou vencedora. Vencer significa não apenas reviver simbolicamente, mas na sociedade capitalista também significa a possibilidade de obter novos investimentos, de renovar ou de solidificar as carreiras esportivas.

Ter o privilégio de praticar um esporte profissionalmente e viver apenas deste exercício é uma conquista de poucos atletas brasileiros. Em território nacional, grande parte dos altos salários divulgados na mídia são de jogadores de futebol. Enquanto a profissionalização do futebol praticado pelos homens parece ter se solidificado, a prática das mulheres ainda ostenta um *ethos amador*¹⁰⁶, em que não existem clubes estruturados ou significativos apoios governamentais. A grande maioria das jogadoras vive de ajudas de custo (sem salário ou carteira assinada) e as equipes brasileiras têm custeado seus gastos mediante parcerias com prefeituras (que podem ou não ser renovadas a cada mandato eleitoral, possivelmente comprometendo a continuidade de trabalhos iniciados).

¹⁰⁶ A partir de Costa (2007, p. 54), pode-se definir o *ethos amador* da seguinte maneira: “Antes, cabe ressaltar que a referência ao termo ‘estrutura arcaica e paternalista’ na condução esportiva remete, no presente trabalho, ao modo de condução do esporte centrado no favoritismo, em que os interesses pessoais suplantam os interesses em prol do desenvolvimento auto-sustentável da modalidade. ‘Amadorismo’ não está sendo empregado como sinônimo de ‘estrutura arcaica e paternalista’, mas, sim, como um resquício da estrutura societária anterior à da modernidade que, quando mantido na estrutura profissional atual, contribui para o aparecimento e a manutenção de ‘estruturas arcaicas e paternalistas’. O termo ‘amador’ está sendo empregado sociologicamente, conforme teorizou Elias”.

Podemos aproveitar, portanto, para ressaltar que mesmo com a mudança de papel da mulher ocidental contemporânea, cidadã e consumidora, muitos dos seus direitos em relação à igualdade de acesso a oportunidades ainda são cerceados (principalmente os referentes à esfera esportiva). Muitas das conquistas em relação à visibilidade das mulheres brasileiras são resultantes das discussões propostas pelo movimento feminista. Devido às mudanças no papel social das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho, houve também mudanças quanto à forma de tratamento recebida. Estas mudanças, entretanto, parecem ser vetadas por redes de poder instituídas.

O aumento da participação em esferas tais como o parlamento brasileiro (SOW, 2010) é evidente, porém, a ocupação de espaços de poder ainda é insuficiente. Em termos de democracia política, a Carta Magna de 1988 permitiu às mulheres uma importante ampliação de direitos (SOW, 2010), porém, não em todas as esferas. No próprio futebol de mulheres, percebe-se uma melhor aceitação em relação à prática da modalidade, porém, ainda não há investimentos que suficientemente propiciem mudanças significativas na estruturação dessa prática.

Pode-se evidenciar também uma grande lacuna em termos de posições sociais ocupadas por mulheres na presidência de clubes esportivos. Nas produções acadêmicas brasileiras atuais, dos anos 2000, observa-se um aumento no enfoque relacionado à questão do gênero nos esportes. Porém, grande parte dos estudos ressaltam apenas a questão do gênero nas performances dentro das quadras ou campos, e não nas suas atuações políticas na dirigência de clubes ou equipes.

Essas reflexões acadêmicas relacionadas às mulheres e ao campo esportivo, em grande parte podem também ser vinculadas ao término de vetos governamentais que restringiam diversas práticas esportivas realizadas por mulheres. Com os ganhos políticos, restringir-lhes a prática esportiva seria uma atitude vista como incoerente ou como resquício do patriarcalismo (porém, a quase inexistência de estruturas e a impossibilidade de seu desenvolvimento não parecem ser tão incoerentes, tendo em vista a falta de ações políticas visando à minoração dessas desigualdades).

São exaustivas as referências acadêmicas ao decreto-lei nº 3.199, que datava da época do governo Getúlio Vargas e que vigorou até o final da década de 1970, vetando a prática de diversos esportes considerados “incompatíveis à natureza feminina”. O início dos anos 1980 aparece nos textos como o início de uma nova etapa, mas nem tão nova

assim. O aumento no número de praticantes esbarrou (e ainda esbarra) em aspectos culturais relacionados à discriminação e aos esteriótipos relacionados às mulheres como desportistas.

Difícilmente se poderia afirmar que no Brasil há uma política esportiva democrática. Pode-se perceber, num geral, uma incrível disparidade entre práticas esportivas de homens e mulheres. Evidencia-se também uma marcante diferença tanto em termos financeiros quanto de visibilidade entre o futebol e as demais modalidades esportivas em território nacional. Grande parte dos demais esportes possuem espaços na mídia apenas quando possuem campeões em nível internacional.

Knijnik e Soares (2004) identificaram que a mídia apresenta as representações tradicionais de gênero em sua grade de programação, ressaltando os esteriótipos de masculinidade e feminilidade nas performances atléticas. Para Knijnik e Souza (2004, p. 3) "(...) o esporte parece ser o panorama ideal para que se reafirmem normas e tradições a respeito de como se comportar com o corpo, e das formas corporais e comportamentais adequadas de ser homem, ou mulher". Conforme os autores, é a mídia quem cria os códigos sociais, repercutindo os discursos dominantes e direcionando o sentido do fluxo das representações sociais que constituem os sujeitos.

Exemplos bastante próximos, por exemplo, podem ser percebidos na exposição realizada pela mídia gaúcha sobre a Associação Desportiva Feminina, entidade localizada em Porto Alegre (RS). Conforme a matéria publicada no encarte Donna ZH, em 5 de agosto de 2012, este seria um time diferente pelos seus atributos visuais e sociais, com garotas jovens, bonitas e solteiras.

O início da matéria intitulada "*Gatas de chuteiras*" ressalta a "profusão de cores" do "pelotão rosa", com "*babylooks* delicadas" e o "multicolor artificial das unhas e faixas de cabelo". Faz referência também ao uso dos "shortinhos" e afirma que, "Livres das formalidades de laterais, volantes ou meias-armadores, elas se movem como dois exércitos um tanto caóticos de defensoras contra atacantes, e com facilidade as primeiras se tornam as segundas. Vai do local para onde a bola corre, perseguida por todas" (FONSECA, 2012, p. 8). A matéria, produzida como frequentemente são as que costumam falar sobre o futebol de mulheres, ressalta reforços à heterossexualidade e à sensualidade.

Em um dos perfis das jogadoras, por exemplo, ela é descrita como "de cabelo esvoaçante, voz de menina e vestidos de tamanho proibido em estádios de futebol". Sobre a prática esportiva como constituidora da estética e modeladora de corpos, Fonseca (2012, p. 12) provoca: "Na noite, ganha uma janelinha o homem que adivinhar que as panturrilhas sobre os saltos são esculpidas ao longo da semana nas quadras de Porto Alegre". Pode-se entender melhor essa representação da mulher no futebol a partir de Alvito (2011), para o qual,

No caso do gênero, a reprodução das estruturas funciona como um crime quase perfeito. Não se estimulam as meninas a jogarem futebol. Alguém já viu uma menina ganhar uma bola de presente de aniversário? (...) Quando ela vier a fazer isso já terá passado algum tempo e a diferença técnica dela em relação a eles será gritante. Ou seja, ela acabará se transformando em motivo de chacota e em mais um exemplo de que mulher não sabe jogar futebol... Quando nascer uma menina, já que mulher 'não sabe jogar futebol', ninguém vai lhe dar uma bola de presente e assim o ciclo se completará (ALVITO, 2011, s.p.).

Em Medellín, na Colômbia, apresentadoras de televisão e estudantes fizeram um time que se chama "Divas", que participa de exposições beneficentes (UOL NOTÍCIAS, 2012). Uma das jogadoras que foi entrevistada para a matéria jornalística, a ex-modelo Luz Maria Díez, de 35 anos, afirmou que "A maioria de nós joga maquiada, porque vem do trabalho, dos desfiles. Estamos penteadas, maquiadas e com unhas postiças". Como requisitos do time, esta jogadora deixa explícito que procuram por garotas belas, atraentes, delicadas, femininas e que gostem de futebol. Afirma que em Medellín é mais fácil o recrutamento, pois há mulheres bonitas (e a cidade possui renome em relação a mulheres que participam de concursos de beleza).

Nas matérias jornalísticas, as mulheres são retratadas como sujeitos sem tanta "intimidade com a bola", mas com atributos físicos ímpares, tais como a beleza e atratividade sexual. "Ou seja, ao desejar muito o futebol, jogo enraizado como masculino na cultura brasileira, a menina estaria, na verdade, procurando dominar aquilo que é masculino, pois isto sim tem valor social, e não as suas qualidades femininas" (KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003, p. 10).

Sobre as relações de gênero e os papéis sociais, Ventura e Hirota (2007) apontam para a necessidade de quebra de paradigmas, como o estereótipo da mulher que habita o ambiente doméstico e o homem que ocupa o espaço público. "À mulher sempre foi aplicada a imagem de fragilidade, dependência e sensibilidade, enquanto atribui-se aos

homens qualidades como força, virilidade, garra" (VENTURA e HIROTA, 2007, p. 157). Para os autores, deve-se entender as desigualdades entre os sexos no futebol brasileiro, principalmente em relação às discriminações em relação à inserção da mulher na prática.

Isso porque um fator que pode tornar o futebol feminino menos atraente, tanto para os espectadores, quanto às meninas que repudiam ou até mesmo se interessam pelo esporte, mas que têm medo e dificuldade de lidar com os estereótipos, é a constante associação que se faz das atletas ao lesbianismo, seja por ser um esporte que representa o ideal masculino, seja pela vestimenta, que contrariamente a outros esportes, em que o marketing esportivo tem se preocupado com a confecção de roupas cada vez mais justas e curtas que valorizam os atributos estéticos das atletas como atrativo à modalidade, são roupas largas, unidas aos meões e às chuteiras, idênticos ao uniforme masculino, como também pelo comportamento, composição corporal e gestos físicos às vezes masculinizados das atletas (VENTURA e HIROTA, 2007, p. 159).

Conforme Ventura e Hirota (2008), a Educação Física seria um espaço de aprendizagem, de oportunidades para a realização da prática que, a partir do entendimento das diferenças, rompe com preconceitos e estereótipos. Porém, não apenas a Educação Física, mas os próprios espaços competitivos e de treinamentos, como ginásios e estádios, podem servir como espaços de aprendizagem, proporcionando contato com a diferença e modelando as relações sociais de gênero.

Em relação à feminilidade e masculinidade, a cientista política da UnB, Karla Joyce de Freitas Matos, aponta para algumas dificuldades geradas pela questão de gênero na trajetória esportiva de mulheres em nível profissional

A 'feminilidade' é empecilho para que se deixe de compreender muitas questões no plano esportivo e reflete, até mesmo, no apoio ou não da modalidade feminina. São muitos os que precisam impor rótulos, condutas, padrões. Para estes, belo não está na prática do esporte em si, da superação da esportista, mas no padrão de seus praticantes. E este tipo de pensamento influencia diretamente na prática do esporte em vários níveis, principalmente o de alto rendimento como ocorre no futebol feminino, que pouco apoio tem por este tipo de pensamento da classe organizadora – em sua grande maioria masculina (FREITAS MATOS, 2012, s.p.).

Mais que arena de apelos estéticos, o esporte deve ser visto como uma arena de exercício político. Ainda é fraca a participação das mulheres em esferas de poder dos clubes brasileiros e das comissões técnicas de equipes de futebol. Majoritariamente, estes espaços são comandados por homens que detêm as funções administrativas. O exercício de uma hegemonia de homens na esfera esportiva futebolística parece carregar consigo aspectos da baixa participação política nacional das mulheres na esfera legislativa. A

invisibilidade das ações públicas de mulheres em esferas de poder é tanto presente no campo esportivo quanto no político¹⁰⁷.

Uma das hipóteses que se pode aventar, em termos de discussões, seria a de que no Brasil as questões sexuais possuem grande apelo nas diversas esferas da vida, sejam elas públicas (discursivamente) ou privadas (performatizadas). Dessa forma, a visibilidade das modalidades visibilizaria também a questão sexual, de foro íntimo. Porém, no caso do futebol, as mulheres que o praticam em grande parte recebem a denominação de lésbicas ou “sapatas”, mesmo que ainda não existam trabalhos acadêmicos que corroborem com esta afirmação via dados quantitativos.

De toda a forma, mesmo sem a existência de indícios que comprovem esta afirmação, pode-se indagar o porquê deste aspecto ser considerado como relevante ou de esta questão ser atrelada ao futebol de mulheres. Por que as mulheres que praticam este esporte carregam os estigmas desta identificação sexual, mesmo havendo homossexualidade no futebol de homens? Quais os saberes e verdades produzidos sobre estas mulheres, e quem os regula?

A sexualidade é esfera de foro particular, ligada à intimidade dos indivíduos. Todavia, no Brasil, a privacidade de atletas é constantemente invadida em comentários referentes às performances e práticas tanto de homens como de mulheres. Em relação às práticas sexuais de mulheres, o moralismo é existente sobre suas imagens sociais e esportivas. Este contínuo reforço sobre a questão sexual parece ser utilizado como estratégia danosa principalmente em relação às mulheres que invadem áreas consideradas “masculinas”, e que deveriam ser praticadas apenas por pessoas “autorizadas”, como no caso do futebol.

As reservas e autorizações são questões interessantes de serem debatidas. A suposição de existência de uma “área reservada masculina” reafirma-se com uma suposta superioridade em relação às mulheres, ao impedi-las (ou dificultar-lhes) o acesso ou prática a determinados esportes (os quais variam conforme os países analisados, devido a questões culturais).

¹⁰⁷ “O futebol é o espelho da sociedade, o que significa que o nosso esporte ainda é afetado pela discriminação e pela intolerância. Devemos usar o futebol para educar as pessoas, principalmente os mais jovens, sobre a importância do ‘fair play’ e do respeito”, disse o presidente da FIFA, Joseph Blatter” (ESPORTE UOL, 2011, s.p.).

O que até o momento pouco foi debatido ou aventado seria a existência de “área reservada feminina” dentro dos esportes¹⁰⁸. Ao aceitar a existência de múltiplas masculinidades e feminilidades dentro do campo esportivo, pode-se entender que dentro das supostas “reservas masculinas” existem homens que se aproximam mais da feminilidade do que da masculinidade dominante, mesmo assim sem deixarem de ser homens. Um homem que não usa barba para jogar, seria menos homem? Uma mulher precisa ter cabelos compridos para realizar a prática esportiva?

Masculino e feminino são categorias distintivas que parecem estar muito mais fora dos sujeitos do que neles. Ao examinar com minúcia, perceber-se que cada sujeito possui tanto masculinidades como feminilidades afloradas e que ambas são estrategicamente utilizadas na superação dos desafios diários. Os usos destas características são determinados no espaço e tempo, conforme os contextos social e historicamente vivenciados.

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2008, p. 21).

A incorporação de características consideradas femininas aumentam a aceitação das jogadoras pelo público, distinguindo-as; quanto mais próximas à feminilidade tradicional, maior a visibilidade midiática. A influência da mídia e das representações sexistas por elas exaltadas podem ser percebidas numa dimensão mais microscópica. Compartilho, abaixo, um trecho do diário de campo produzido com jogadoras de uma equipe da região metropolitana de Porto Alegre¹⁰⁹.

Estávamos viajando a Erechim, para um jogo importante. De repente, uma das jogadoras aproximou-se de Lelê, uma colega da equipe que estava sentada no banco atrás ao meu, na quinta fileira, e disse que seu objetivo ao sentar ali era o de “pegar o mel” da colega, em referência à facilidade com que a colega realizava suas conquistas em relacionamentos amorosos. Revelando a ‘fórmula’ do seu

¹⁰⁸ Moura (2003, p. 84) faz algumas considerações sobre a área reservada feminina, afirmando que: “ (...) o futebol nos Estados Unidos tornou-se uma área reservada feminina, reforçando a idéia de que ‘futebol é coisa pra mulher’, bem diferente das concepções brasileiras, argentinas, italianas e inglesas, que utilizam o universo futebolístico como área reservada à classe masculina”.

¹⁰⁹ Neste relato, os nomes reais das jogadoras foram suprimidos e substituídos por outros, de escolha aleatória.

charme, Lelê retribuiu respondendo: 'Faz chapinha', indicando que as características estéticas, como um 'bom' cabelo, ou um cabelo bonito, poderiam ser importantes na arte de conquista. A seguir, complementando, uma outra garota que estava escutando a conversa, em tom de gozação, disse: 'Imagina a Lelê, além de chapinha, usando de saia', em tom de gozação, como que dizendo que seria uma roupa que não se adequaria ao estilo dela, algo inimaginável. Lelê é uma jovem com 20 e poucos anos, anda sempre com moletoms e roupas largas, às vezes usa boné.

Após algumas horas de viagem, na metade do caminho paramos em um restaurante na beira da estrada. Após todos já terem feito suas compras, alguns esperavam do lado de fora do ônibus. Uma das garotas, que parecia entediada com o silêncio do grupo naquele instante, fez um comentário sobre a aparência de Amanda: 'Alpargata e argola, eim?', e ela disse "Estilo é pra quem tem", e a colega retrucou 'Me avisa quando o teu chegar, que isso aí que tá na tua orelha (o brinco) tá parecendo prendedor de toalha (de tão grande)'. As referências sobre a estética e atributos de feminilidade constantemente vêm atreladas a referências de marcas ou de qualidade de produtos. Na volta da viagem alguém disse que encontrou uma medalha com um F floreado, e estava tentando encontrar a quem pertencia. Kari disse que era a Fernanda, e esta respondeu: 'Não ando com latão'. 'Aé, ela só anda com ouro branco', brincou Kari. Até mesmo a comissão técnica fez algumas considerações em relação a feminilidade. Um dos integrantes afirmou que uma ex-jogadora havia aparecido no seu trabalho com uma roupa toda apertadinha, 'gatinha', e veio direto dando em cima dele, para tentar convencê-lo sobre uma proposta. Disse que ela chegava muito próximo e ele performatizou o distanciamento criado como se colocasse o joelho à frente, na altura do peito, quase como um alongamento, mas com o intuito de fisicamente afastar a mulher. Ele revelou sua estratégia de fingir-se interessado e deixar ela falar, mas disse que perdeu muito tempo, pois ela o 'prende' por 40 minutos.

A convivência em grupo serve bastante como meio de disciplina do corpo e também de hábitos. Quando estávamos com o grupo, aguardando o início do jogo, uma das meninas estava com sua escova, passando para ir ao banheiro, e ao cruzar por uma das colegas, aquela lhe disse em tom de repreensão "Baixa a asa", como que orientando ela a baixar os braços, pois estavam longe do corpo, como geralmente ficam os braços dos homens ao caminhar (Diário de campo de 28 de julho de 2012).

A maneira de vestir está associada não apenas a conforto e comodidade, mas também ao tratamento social que se pretende receber. A moderação entre "sentir-se bem" e "ser bem tratada" faz com que algumas garotas utilizem um vestuário que equilibre estes dois parâmetros, segundo práticas regulatórias baseadas em convenções sociais. Uma das estratégias sociais utilizada por algumas mulheres para diminuir possíveis estigmas relacionados às vestimentas são a de caracterizar seu estilo ou "jeito de vestir" (MEINERZ, 2011) como sendo unissex ou esportivo.

A roupa, a maneira como socialmente se é visto, é também uma forma de expressão da sexualidade. Porém, para não prejudicar a equipe em termos de patrocínios e até mesmo para poder ter a opção de moderar a visibilidade da sexualidade, as jogadoras podem optar numa mescla entre acessórios e vestuários considerados mais masculinos ou femininos. Ter uma sexualidade reservada lhes possibilita maior autonomia

de poder estabelecer os relacionamentos que mais lhes interessarem, nos diferentes momentos de suas trajetórias.

Ao mesmo tempo em que não querem usar roupas apertadas ou não querem adotar o visual de "patricinhas", elas também pensam na imagem social que as demais pessoas construirão sobre elas e nas implicações futuras de suas escolhas. "Fazer chapinha", cuidar do cabelo, fazer as unhas ou usar brincos são alguns exemplos de táticas estéticas simples e que as afastam de um padrão masculino, sem comprometer o conforto. "Ainda que o jeito seja expresso justamente através de determinadas disposições e contornos corporais, esses não são percebidos como algo intencionalmente produzido. Nesse sentido, há uma preferência por modos de vestir, de sentar e de andar em que o corpo esteja livre, à vontade" (MEINERZ, 2011, p. 178).

Os dizeres sobre a homossexualidade e masculinidade de jogadoras de futebol parece ser uma estratégia de dominação daqueles para os quais se acredita existir uma "reserva masculina" neste campo esportivo. Porém, conforme Certeau (1994), poder-se-ia analisar a lógica das práticas cotidianas do futebol de mulheres a partir da maneira como escolhem suas vestimentas, com um perceptível movimento de "feminização" do futebol de mulheres em relação à década de 1980 (KESSLER, 2010). A feminilidade, dessa forma, mais do que um apelo da mídia ou de patrocinadores, se apresenta como uma estratégia de manejo da identidade sexual, ora associando as atletas à identidade heterossexual ora possibilitando tornar discreta a identidade homossexual.

(...) é importante observar, nesse particular, que em numerosos setores da sociedade britânica, notadamente em meios totalmente masculinos, os homens 'desviantes' que por uma ou outra razão optam pela vida anti-esportista, se arriscam a ser qualificados de forma insultuosa pelos seus pares, de 'afeminados' e até mesmo de 'homossexuais'. A mesma tendência ocorre com a qualificação também insultuosa de 'masculinas' ou 'lésbicas' feita às mulheres desportistas (DUNNING, 1997, p. 324).

O uso de acessórios, maquiagens e roupas estilosas, por exemplo, poderia ser uma questão tática no sentido de suprir uma feminilidade socialmente esperada¹¹⁰. Porém, deve-se ressaltar que algumas destas mulheres prezam mais pelo conforto do que pela imagem social. Algumas delas utilizam o argumento da praticidade, e dessa forma

¹¹⁰ Salvini (2012, p. 135) acrescenta que: "O cuidado com os cabelos, a limpeza do uniforme e das chuteiras, o perfume, em alguns casos a maquiagem, são estratégias que as jogadoras utilizam para veicularem uma imagem em conformidade com a centralidade do que se entende socialmente como feminino, no campo de futebol".

brincos, pulseiras e batom seriam alguns elementos que lhes possibilitariam ser consideradas mais femininas, entretanto, sem tomar-lhes muito tempo na produção do visual.

Hoje em dia, o papel social da mulher ocidental parece ter superado o espaço privado (de uma mulher submissa à espera de um marido que a sustente) e ressaltado seu papel como profissional no mercado de trabalho. Adentrando às zonas que antes eram consideradas como reservas masculinas, as mulheres demonstram que também podem ser preparadas para assumir práticas e responsabilidades que antes eram realizadas apenas por homens. Podemos, dessa forma, pensar que as características que são ditas como masculinas também podem ser femininas. A força, a explosão, a garra, a valentia, também podem ser consideradas características femininas, todas convergindo para um mesmo ideal de aprimoramento de performances.

Geralmente embasados em argumentos biológicos, cientistas costumam considerar que os homens sejam mais fortes que as mulheres. Porém, esta afirmação considera a força física, e não a mental. Poderíamos indagar o porquê desta escolha. Se considerarmos que as mulheres estão mais acostumadas a resistir às dores da menstruação mensal, do parto e de outros danos físicos, poderíamos dizer que as mulheres são mais fortes do ponto de vista psicológico. Porém, a questão talvez não seja de quem é mais ou menos, e sim a de perceber-se o porquê da adoção de determinados referenciais.

No caso do futebol, por exemplo, sabe-se que o fator psicológico é muito importante. Vê-se isso, por exemplo, nas rotinas de preparação das equipes, nas quais há o período de concentração antes de jogos decisivos. Demonstra-se, por este tipo de prática, que a preparação psicológica é tão importante quanto (ou até mesmo mais) que a preparação física. Outras práticas também comuns são a preleção anterior às partidas e as orientações técnicas do intervalo dos jogos. Estes momentos visam não apenas a orientar taticamente as equipes, mas mexer com o emocional, estimular, revigorar. Mesmo o psicológico aparentando ser importante para a performance, parece que às vezes a força física é discursivamente mais ressaltada que a mental.

O futebol praticado por mulheres ainda é bastante visto conforme um modelo de masculinidade tradicional (BONINO, 2008), em que o domínio do homem é visto como

superior em uma hierarquia imposta e reafirmada por padrões patriarcais. Poder-se-ia sintetizar este texto com os dizeres de Pereira (2008), porém, não sem alguns adendos.

Entendemos, então, que sendo o futebol brasileiro um território masculino e conservador, seria praticamente impossível um *domínio feminino* nesta modalidade esportiva. A inferioridade feminina no futebol pode ser observada também nas páginas dos jornais, no que se refere à quantidade e qualidade das matérias que envolvem as atletas, as equipes e torneios femininos (PEREIRA et al, 2008, p. 4, grifos meus).

O *domínio feminino* no futebol talvez possa ser negado em termos quantitativos, relacionado ao uma menor quantidade de praticantes, em relação aos homens. Porém, não se pode negar que, desde a sua introdução na educação física formal, cada vez mais mulheres têm jogado o futebol. O contato com a bola parece estimular o “gosto” pela prática esportiva do futebol/futsal e o envolvimento com a modalidade na idade adulta.

Feminino ou masculino parecem ser questões cada vez mais entrecruzadas na atualidade. A definição do gênero que as pessoas aparentam por suas vestimentas possui pouca relação com o gênero percebido pelas expressões corporais ou até mesmo pela forma de pensar o mundo. Vestir-se como um homem ou como mulher não determina o tipo de reação que cada sujeito apresentará diante das situações diárias e sequer argumenta sobre a sua força política ou rede de relações.

Os sujeitos podem ser mais masculinos ou femininos, sem que isso afete o que são: seres humanos plenos de desejos e capacidades. O importante parece ser o entendimento de que ambos os gêneros possuem suas qualidades, sendo, portanto, utilizados em momentos diferentes, conforme as estratégias escolhidas pelos sujeitos nos diferentes contextos sociais e históricos vividos.

REFERÊNCIAS

ALVITO, Marcos. Futebol é jogo pra mulher também. **Correio do Brasil**. Disponível em: <<http://correiodobrasil.com.br/futebol-e-jogo-pra-mulher-tambem/311912/>>. Acesso: 14 out 2011.

BONINO, Luis. Micromachismos: el poder masculino en la pareja 'moderna'. In: LOZOYA, José Ángel; BEDOYA, José María. **Voces de hombres por la igualdad**, 2008, p. 89-109.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Marília Maciel. Esporte de alto rendimento: produção social da modernidade - o caso do vôlei de praia. **Soc. estado.**, Brasília, v. 22, n. 1, Abr, 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 28 ago 2012.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

ESPORTE UOL. **Mundial feminino contra o racismo, homofobia e sexismo**. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/07/12/mundial-feminino-contra-o-racismo-homofobia-e-sexismo.jhtm>>. Acesso: 12 jul 2011.

FONSECA, Caue. Gatas de chuteiras. **Jornal Zero Hora**, encarte Donna ZH, 5 de agosto de 2012, p. 8-13.

FREITAS MATOS, Karla Joyce de. **'Esporte de homem' e 'esporte de mulher' não existem: o esporte é um só**. Disponível em: <<http://maisdomesmoempre.tumblr.com/post/29370180480/esporte-de-homem-e-esporte-de-mulher-nao-existem-o>>. Acesso: 15 ago 2012.

KESSLER, Cláudia. **“Entra aí pra completa”**: Narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2010.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira; In: Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo, Aleph, 2004, p. 191-212.

KNIJNIK, J. D; VASCONCELLOS. E. G. Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In COZAC. J. R. (Org). **Com a cabeça na ponta da chuteira**: ensaios sobre a psicologia do esporte. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003. p. 2-18. Disponível em: <<http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/SEMIMPEDIMENTO.pdf>>. Acesso: 1 set 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n.2, maio/ago 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso: 20 ago 2012.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. **As relações entre os sexos no esporte**. Estudos Feministas, ano 5, n.2, 1997, p. 321-348.

MEINERZ, Nádia Elisa. **Mulheres e masculinidades**: etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Rio Grande do Sul, 2011.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol gênero**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas. São Paulo, 2003.

PEREIRA, Liliana Herrera Melo. Futebol: um território masculino? **Anais do 1º Encontro da ALESDE Esporte na América Latina: Atualidade e perspectivas**". UFPR, Curitiba, 2008. disponível em: <www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/71.pdf>. Acesso: 20 ago 2012.

ROJO, Luiz Fernando. Relações de gênero no hipismo. Um olhar comparativo entre Rio de Janeiro e Montevideú. **Antropología Social y Cultural en Uruguay** (Anuario), 2007, p. 163-172. Disponível em: <http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2007/articulo_12.pdf>. Acesso: 20 ago 2012.

SALVINI, Leila. **Novo Mundo Futebol Clube e o "Velho Mundo" do futebol**: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol. Dissertação de Mestrado defendida como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, 2012.

SOW, Marilene Mendes. A participação feminina na construção de um parlamento democrático. **E-Legis**, n.05, 2º semestre de 2010, p.79 - 94. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/5066/participacao_feminina_sow.pdf?sequence=1>. Acesso: 28 ago 2012.

UOL NOTÍCIAS. **Colombianos recrutam modelos e exigem beleza como pré-requisito em time feminino**. 8 fev 2012. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/02/08/colombianos-recrutam-modelos-e-exigem-beleza-como-pre-requisito-em-time-feminino.htm>>. Acesso: 8 fev 2012.

VENTURA, Thabata Santos; HIROTA, Vinicius Barroso. Futebol e salto alto: por que não? **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, vol 6, n. 3, 2007, p. 155-162. Disponível em: <www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/download/1246/950>. Acesso: 20 ago 2012.